

FAESP - FACULDADE EVANGÉLICA DE SÃO PAULO
MARCELO CORREIA DA SILVA

**CRISTOLOGIA NO EVANGELHO DE MARCOS: PERCEPTIVAS BÍBLICA,
HISTÓRICA, CULTURAL E EVANGELÍSTICA PARA A IGREJA EVANGÉLICA
CONTEMPORÂNEA.**

SÃO PAULO - SP
2020

MARCELO CORREIA DA SILVA

**CRISTOLOGIA NO EVANGELHO DE MARCOS: PERCEPTIVAS BÍBLICA,
HISTÓRICA, CULTURAL E EVANGELÍSTICA PARA A IGREJA EVANGÉLICA
CONTEMPORÂNEA.**

Monografia apresentada à Faculdade Evangélica de São Paulo - FAESP como exigência dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Teologia, sob orientação do **Prof. Fernando Tavares**

**SÃO PAULO - SP
2020**

FACULDADE EVANGÉLICA DE SÃO PAULO - FAESP

A184H SILVA, Marcelo Correia da.

Cristologia no evangelho de Marcos: perceptivas bíblica, histórica, cultural e evangelística para a igreja evangélica contemporânea - 2020. / Marcelo Correia da Silva - 2020

45 p: il.; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Teologia – Faculdade Evangélica de São Paulo, São Paulo, 2020. Orientador: Fernando Tavares.

Bibliografia: p. 42.

1. Cristo 2. Cristologia 3. História de Cristo 4. Jesus 5 Igreja contemporânea 6. Salvação

CDD 240.230

MARCELO CORREIA DA SILVA

Avaliação: _____

**CRISTOLOGIA NO EVANGELHO DE MARCOS: PERCEPTIVAS BÍBLICA,
HISTÓRICA, CULTURAL E EVANGELÍSTICA PARA A IGREJA EVANGÉLICA
CONTEMPORÂNEA**

Monografia apresentada à Faculdade Evangélica de São Paulo – FAESP
aprovado pelos seguintes professores:

Profa. Amélia Lemos

**FAESP
Coordenadora**

Prof. Fernando Tavares

**FAESP
Orientador**

São Paulo, 08 de Março de 2020

DEDICATÓRIA

A minha esposa Hozana de Carvalho Silva
pela dedicação e compreensão e a meus
filhos Paulo Henrique e Patricia Carvalho
pelo apoio e incentivo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela sua bondade e infinita misericórdia, pelo amor e pelo cuidado que tem tido comigo desde o ventre de minha mãe,

A meu amado pai Manuel Izidro da Silva (*in Memoriam*), um pai amável, carinhoso, batalhador, um grande homem que Deus colocou em minha vida, apesar de conhecer o evangelho nos seus últimos dias de vida ensinou-me lições que levarei por toda a eternidade, instruiu-me a temer a Deus e obedecer os mandamentos bíblicos, para ter uma vida de paz e prosperidade.

A minha querida mãe Ana Correia da Silva, nordestina de raiz paraibana, que ensinou-me as virtudes do amor cristão, levando-nos a Cristo ainda na tenra adolescência, uma verdadeira mulher cristã!

Aos meus amados pastores Raimundo Ferreira e Eliseu Sergio de Queiroz, (*In Memoriam*) que acreditaram em minha chamada, apresentaram-me ao santo ministério, verdadeiros homens de Deus os quais este mundo não era digno, estes nobres pastores sempre estiveram ao meu lado, aconselhando-me, ensinando-me, mas principalmente chorando nos momentos mais difíceis da vida, e alegrando-se com as conquistas e vitórias a estes nobres pastores devo a minha eterna gratidão.

A Família, Hosana Carvalho da Silva, amor da minha vida, ao Paulo Henrique meu amável filho, e minha princesa Patricia Carvalho que souberam compreender os momentos de ausência e incentivar nos momentos de adversidade.

Ao Professor Fernando Tavares pela orientação, ao Professor Mathias Acácio pelo ensino da Homilética e pelos debates Teológicos na Academia.

Aos alunos e amigos pastor Sergio Cambuí, Arthur Rocha e Ozano Brito, que estiveram juntos nestes cinco anos de lutas, alegrias e perseverança.

Aos professores do Departamento de Teologia da FAESP – Faculdade Evangélica de São Paulo, que me auxiliaram no itinerário da formação teológica.

Fizeste-nos Senhor para vós e o nosso
coração está inquieto enquanto não repousa
em vós. (Sto. Agostinho).

SILVA, Marcelo Correia. Cristologia no Evangelho de Marcos: Perceptivas Bíblica, Histórica, Cultural e Evangelística para a Igreja Evangélica Contemporânea. São Paulo, 2020. 45 p. TCC Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Teologia) Faculdade Evangélica de São Paulo FAESP. São Paulo, 2020.

RESUMO

O presente trabalho tem como tema a Cristologia no Evangelho de Marcos, nas suas perceptivas bíblica, histórica, cultural e evangelística para a igreja evangélica contemporânea. O método adotado na formulação deste trabalho, encontra-se em concordância com a proposta de estudo, a qual encontra-se adequada por meio dos objetivos a serem alcançados. O desenvolvimento da ciência tem como base o alcance de resultados que permite validar hipóteses sobre determinado acontecimento ou fato, presente em nossas vidas, ou não. Assim, o objetivo geral deste trabalho buscará demonstrar a Cristologia sob a ótica do Evangelho de Marcos. Os objetivos específicos buscarão descrever com detalhes sobre a obra redentora de Jesus Cristo na cruz do calvário sob o prisma do evangelista Marcos em sua linguagem, conteúdo e teologia, além de ressaltar a importância da vinda de Jesus Cristo a este mundo, como o Messias Sofredor, aquele que deu a sua vida em resgate da humanidade e por fim, evidenciar a importância do papel da Igreja para a propagação do evangelho de Cristo Jesus. Por fim, o presente trabalho deixa o tema em aberto, propondo que no futuro se realize uma nova pesquisa, com a finalidade de contextualizar os temas aqui abordados. Juntamente com esta nova pesquisa, sugere-se a realização de um estudo de caso, para o qual propõe-se uma pesquisa prática de como as pessoas veem a pessoa de Cristo.

Palavras-chave: Jesus; Cristo; Cristologia; História de Cristo; Salvação; Igreja contemporânea

SILVA, Marcelo Correia. Christology in the Gospel of Mark: Biblical, Historical, Cultural and Evangelistic Perceptions for the Contemporary Evangelical Church. São Paulo, 2020. 45 p. Final Course Work (Bachelor in Theology) Faculdade Evangélica de São Paulo FAESP. São Paulo, 2020.

ABSTRACT

The present work has as its theme Christology in the Gospel of Mark, in its biblical, historical, cultural and evangelistic perspectives for the contemporary evangelical church. The method adopted in the formulation of this work is in agreement with the study proposal, which is adequate through the objectives to be achieved. The development of science is based on achieving results that allow us to validate hypotheses about a certain event or fact, present in our lives, or not. Thus, the general objective of this work will seek to demonstrate Christology from the perspective of the Gospel of Mark. The specific objectives will seek to describe in detail the redemptive work of Jesus Christ on the cross of Calvary under the prism of the evangelist Marcos in his language, content and theology, in addition to highlighting the importance of Jesus Christ's coming to this world, as the Suffering Messiah, the one who gave his life for the rescue of humanity and, finally, to highlight the importance of the role of the Church for the spread of the gospel of Christ Jesus. Finally, the present work leaves the topic open, proposing that a new research be carried out in the future, in order to contextualize the themes addressed here. Along with this new research, it is suggested to carry out a case study, for which one proposes a practical research on how people see the person of Christ.

Keywords: Jesus; Christ; Christology; Christ's Story; Salvation; Contemporary church.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 ASPECTOS DA COMPOSIÇÃO LINGUÍSTICA DO EVANGELHO DE MARCOS	13
2.1 AUTORIA	13
2.2 PÚBLICO ALVO.....	15
2.3 PROPÓSITO	16
2.4 DATA DA PRIMEIRA PUBLICAÇÃO	16
2.5 CARACTERÍSTICAS ESSENCIAIS DO EVANGELHO DE MARCOS	17
2.6 MENSAGEM – AUTOBASILEIA.....	17
2.6.1 Jesus de Nazaré	17
2.6.2 Filho de Deus.....	18
3 ASPECTOS DO CONTEXTO HISTÓRICO DO EVANGELHO DE MARCOS.....	22
3.1 CUMPRIMENTO DAS PROFECIAS SOBRE O MESSIAS NO NOVO TESTAMENTO	24
4 ASPECTOS CULTURAIS DO EVANGELHO DE MARCOS	28
5 A CRUCIFICAÇÃO DE JESUS CRISTO NO EVANGELHO DE MARCOS	29
6 ASPECTOS DA RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO.....	33
7 A IMPORTÂNCIA DA CRISTOLOGIA DO EVANGELHO DE MARCOS NA EVANGELIZAÇÃO PARA A IGREJA DO SÉCULO XXI	36
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

Cristologia significa uma doutrina ou entendimento sobre a pessoa ou natureza de Cristo. Nos escritos do Novo Testamento, essa doutrina é frequentemente transmitida através dos títulos aplicados ao Senhor Jesus. A maioria dos estudiosos concorda que a expressão o "Filho de Deus" é o mais importante desses títulos, o evangelista Marcos registra essa verdade anunciada pela voz do próprio Deus às margens do rio Jordão no batismo, (Mc 1.9-11), assim como no monte da transfiguração, (Mc 9.2-7), testificando que Jesus Cristo é o seu amado filho. Esses e outros exemplos fornecem evidências confiáveis de como o evangelista percebeu Jesus, mas não está claro o que o título significava para Marcos e sua audiência do primeiro século (MCDOWELL, 1995, p. 321-325).

A expressão Filho de Deus nas escrituras hebraicas, significava Israel como povo de Deus, ou o rei em sua coroação, ou anjos, bem como o homem justo e sofredor. Na cultura helenística, a mesma frase significava um "homem divino", um ser sobrenatural. Há pouca evidência de que "filho de Deus" fosse um título para o messias no judaísmo do século I, e os atributos que Marcos descreve em Jesus são muito mais aqueles do "homem divino" helenístico que opera milagres, do que do Messias davídico dos judeus. (ROBERTSON, 1999, p. 66).

Marcos também chama Jesus de "christos" (Cristo), esta expressão traduzida para o hebraico significava "messias" (pessoa ungida). No Antigo Testamento, o termo messias ("ungido") descrevia profetas, sacerdotes e reis; na época de Jesus, com o reino desaparecido há muito tempo, significava um rei escatológico (um rei que viria no fim dos tempos), um que seria plenamente humano, embora muito maior do que todos os mensageiros anteriores de Deus para Israel, com poder de operar milagres, livre do pecado, governando em justiça e glória (como descrito, por exemplo, nos Salmos de Salomão, uma obra judaica desse período). As ocorrências mais importantes estão no contexto da morte e do sofrimento de Jesus, sugerindo que, para Marcos, Jesus só pode ser totalmente entendido nesse contexto (MCDOWELL, 1995, p. 322).

Um terceiro título importante de Jesus é o de " Filho do Homem ", que tem suas raízes no livro do profeta Ezequiel, (Ez 3.17), como também nos livros apócrifos de Enoque 46 e 62 e II Esdras (BERKHOF, 2004 p. 305)

Possivelmente tanto os livros apócrifos, quanto o evangelho de Marcos, extraíram a expressão " Filho do Homem ", das profecias de Daniel que em suas visões noturnas vê o Filho do Homem vindo nas nuvens do céu com poder e grande glória, tendo o domínio, a honra e a realeza pelos séculos dos séculos. (Dn 7:13-14), é fascinante observar como Marcos harmoniza o evangelho, salmos e os profetas quando apresenta a Cristo como Filho do Homem assentado à direita de Deus (Mc 14.62), (Sl 110.1) e (Dn 7.13), apontando para a equivalência dos três títulos, Cristo, Filho de Deus, Filho do Homem, sendo o elemento comum a referência ao poder real (BERKHOF, 2004 p. 305).

Assim, dentro deste princípio teológico a presente pesquisa buscará responder em que medida é possível uma Cristologia no Evangelho de Marcos nas perceptivas bíblica, histórica, cultural e evangelística ser totalmente direcionada para a Igreja evangélica contemporânea?

Portanto, a presente pesquisa justifica-se pela relevância em posicionar o Evangelho de Cristo Jesus segundo Marcos registrado na Bíblia Sagrada diante dos problemas atuais. Na atualidade, muitas pessoas se "convertem" ao Cristianismo, mas não vivem o autêntico evangelho de Cristo Jesus como instrui as sagradas escrituras. Por isso, é de suma importância desenvolver uma análise bíblico-teológica para compreender o *modus vivendi* do cristão, que deve ser luz do mundo e sal da terra no mundo para anunciar o evangelho de Cristo Jesus aos quatro cantos desta terra, obedecendo o ide do Senhor Jesus. (Mc 16.15).

Esta pesquisa, por si, mostra o imensurável amor de Deus para o resgate da humanidade, em que, o próprio Deus envia seu único filho, Cristo Jesus, para morrer na cruz do Calvário, sua morte vicária e expiatória, que libertaria o homem do cativo e da escravidão do pecado (Gl 5.1), isto é Jesus Cristo, o servo sofredor que entregou a sua vida em resgate de toda humanidade, dando-lhes a oportunidade de reconciliação com Deus e a liberdade da escravidão dos pecados àqueles que creem, além de garantir a certeza que se os remidos que perseverarem em seus caminhos

um dia estarão com Cristo no lar celestial, desfrutando da sua majestosa presença e da glória que um dia há de nos ser revelada. Espera-se então que este estudo possa impulsionar a igreja na divulgação das boas novas, do grande amor de Jesus Cristo pela humanidade, e que seja aplicado pelos fiéis que atuam no ensino e na evangelização, transmitindo as riquezas da palavra de Deus para a humanidade.

2 ASPECTOS DA COMPOSIÇÃO LINGUÍSTICA DO EVANGELHO DE MARCOS

2.1 AUTORIA

O Evangelho Segundo Marcos, é um dos quatro evangelhos canônicos e um dos três evangelhos sinóticos. Este evangelho anuncia o ministério de Jesus desde o seu batismo realizado por João Batista até sua morte, sepultamento e a descoberta do túmulo vazio - não há genealogia de Jesus ou narrativa de seu nascimento, no evangelho de Marcos à semelhança dos outros três evangelhos, Marcos é anônimo. O título “Segundo Marcos” (κατὰ Μάρκον) foi provavelmente acrescentado quando os evangelhos foram reunidos e foi necessário distinguir a versão de Marcos dos demais evangelhos (D. A CARSON, 1997, p. 102).

Embora não exista evidência interna direta de autoria, os dados sobre a origem do segundo Evangelho provêm de fontes extras bíblicas e o testemunho histórico mais antigo é o de Papias de Hierápolis do início do segundo século de quem se diz:

Por outro lado, cremos necessário acrescentar, ao que já dissemos sobre Pápias, a tradição que expõe a respeito de Marcos, que escreveu o Evangelho, dizendo assim: “O presbítero dizia também o seguinte: Marcos, Que foi o interprete de Pedro escreveu fielmente embora desordenadamente, tudo o que recordava sobre as palavras e as ações do Senhor. De fato, ele não tinha ouvido o Senhor, nem o havia seguido. Mais tarde, como já disse, ele seguiu a Pedro, que lhe dava instruções conforme as necessidades, mas não como quem compõe um relato ordenado das sentenças do Senhor. Assim, Marcos em nada errou, escrevendo algumas daquelas coisas da forma como as recordava. Com efeito, sua preocupação era uma só: não omitir nada do que tinha ouvido, nem falsificar nada do que transmitia.” Esse é o relato de Pápias a respeito de Marcos (PADRES Apostólicos, 2002, p. 331).

Como fontes extras bíblicas do terceiro século que testemunham a autoria do segundo evangelho a Marcos, pode-se ainda citar a obra de Eusébio de Cesaréia conhecido como bispo de Cesaréia e pai da história da Igreja, Eusébio escreve: “Narra-se ter sido este Marcos o primeiro a ser enviado ao Egito onde pregou o

Evangelho que havia escrito. Estabeleceu Igrejas, a primeira das quais na própria cidade de Alexandria” (EUSÉBIO, 2000, p. 92)

Ainda sobre a autoria do Evangelho segundo Marcos, acredita-se que ele tenha sido escrito no ano (66 d.C.), algumas informações podem ser obtidas sobre o evangelista, como seu nome completo, João Marcos e sua mãe chamava-se Maria (At 12.12). O evangelista era sobrinho de Barnabé (Cl 4.10). Sendo libertado milagrosamente da prisão por um anjo, Pedro vai à casa de Maria mãe de Marcos (At 12.1–19), posteriormente João chamado Marcos foi companheiro de Paulo e Barnabé até a Antioquia (At 12.25), o evangelista fez parte da primeira viagem missionária (At 13.1-3), entretanto ao chegar na cidade de Perge da Panfília, o evangelista Marcos regressou para Jerusalém (At 13.13), este fato envolvendo João Marcos, fez com que Paulo e Barnabé viessem a separar-se (At 15.36-38), Marcos segue com seu tio para Chipre (At 15.39), e Paulo e Silas seguiram para Síria e Cilícia fortalecendo as igrejas, (At 15.40-41). Passados alguns anos Paulo escreve a Timóteo para que lhe traga Marcos, pois ele é útil ao ministério (1Tm 4.11), (Fl 23-24), e por fim Marcos encontra a Pedro que o chama de “meu filho” (1 Pe 5.13), logo todas as informações bíblicas sobre Marcos o evangelista verifica-se pelos relatos de Lucas, Paulo e Pedro, principalmente o apóstolo Pedro que parece ser o responsável pela composição dos aspectos linguísticos e literários do evangelho de Marcos. Pedro parece ser a testemunha ocular, a voz audível para Marcos sobre os fatos, detalhes e particularidades dos acontecimentos na vida e ministério de Jesus, exemplo clássico é o valor do dinheiro do unguento que Maria irmã de Lázaro derramou sobre Jesus “Ele poderia ser vendido por trezentos denários e dado aos pobres”. (Mc 14.4-5). O evangelista Mateus, não apresentou com a mesma precisão essas informações aos seus leitores “Este perfume poderia ser vendido por alto preço e o dinheiro dado aos pobres”. (Mt 28.8 - 9) Marcos é o único evangelista que enumera quantas vezes Jesus encontrou os seus discípulos dormindo “Voltando pela terceira vez, ele lhes disse: Vocês ainda dormem e descansam” (Mc 14.41) Basta! Chegou a Hora (Mt 28.8 - 9) Depois voltou aos seus discípulos e lhes disse:” Vocês ainda dormem e descansam” Chegou a Hora! ... (Lc 22.45) - Quando se levantou da oração e voltou aos discípulos, encontrou-os dormindo, dominados pela tristeza.

Também no episódio da negação de Pedro a Cristo e do cântico do galo, Lucas e Marcos (Lc 22.34-60) são os únicos evangelhos que dizem que Pedro chorou após negar o Senhor (Mc 14.30-72) este e outros detalhes revelam que o evangelho de Marcos não é outra coisa senão a recopilação dos materiais biográficos de Jesus que Pedro utilizava em sua pregação. E Pedro foi o maior dos apóstolos. Marcos esteve tão perto de Pedro e foi querido por ele, que Pedro pode escrever, referindo-se a ele, “Marcos, meu filho...” (1 Pe 5.13). (BARCLAY, 1983, p. 8)

2.2 PÚBLICO ALVO

É provável que o Evangelho de Marcos tenha sido escrito para uma audiência não judaica, parece-nos que os destinatários deste evangelho não estavam familiarizados com as tradições judaicas, entretanto Marcos conhecia bem as escrituras e a história do povo judeu.

Em geral os destinatários de Marcos eram gentios e romanos como pode ser visto nas expressões empregadas pelo autor – Boargenes (Mc 3.17), Corbã (Mc 7.11), Efatá (Mc 7.34), Talita Cumi (Mc 5.41), Abba (Mc 14:36), expressões do aramaico que Marcos o evangelista faz questão de traduzir para o grego, o autor ainda explica aos seus leitores os principais costumes judaicos (Mc 7.3-4), (Mc 14.12), pode-se notar ainda que em razão de sua origem em Roma o autor substitui o idioma grego pelo latim, principalmente quando ele menciona “ duas moedas de cobre de muito pouco valor” (Mc 12.42) e o “palácio” que ele faz questão de traduzir para pretório (Mc 15.16) (HENDRIKSEN, 2003, p. 25).

Para corroborar a tese de que os destinatários deste evangelho eram de fato gentios e principalmente romanos, Marcos é o único evangelista que informa-nos que Simão Cireneu era pai de Alexandre e Rufo (Mc 15.21) que evidentemente eram pessoas muito conhecidas em Roma, “Rufo eleito do Senhor” (Rm 16.13). Como citado acima, o Evangelho de Marcos foi escrito em grego para um público gentio, provavelmente em Roma, embora Galileia, Antioquia (terceira maior cidade do Império Romano, localizada no norte da Síria) e o sul da Síria também tenham sido sugeridos. Destaca-se também que Evangelho de Marcos foi o mais antigo dos Evangelhos Sinópticos a ser escrito e, como tal, representa alguns dos primeiros pensamentos sobre Jesus.

2.3 PROPÓSITO

O propósito de Marcos em escrever o seu evangelho é apresentado em suas primeiras linhas ao declarar “O evangelho de Jesus Cristo o Filho de Deus” (Mc. 1.1). Marcos evoca a revelação ascendente de Jesus, o Messias, o Filho de Deus, Marcos não propõe-se a escrever uma biografia cronológica estrita de Jesus no entanto a sua Cristologia, esse tema alcança seu apogeu principalmente quando Pedro responde a célebre pergunta de Jesus: “Quem dizeis que eu sou?”, declarando triunfalmente: “Tu és o Cristo” (Mc 8.29). Esta revelação marca o ápice doutrinário do evangelho de Marcos, que constrói a narrativa do texto sobre os milagres de Jesus, a autoridade sobre as enfermidades, a autoridade sobre a religião judaica, autoridade sobre os demônios, autoridade sobre a própria morte, o Messias vindouro que anunciava o profeta Isaias (Is 53.10-12) é o Servo Sofredor (Mc 10.45), mas todas essas verdades estão fundamentadas na declaração de Pedro :Jesus é o Cristo. Ele é o filho de Deus e Salvador do mundo, que teve uma morte sacrificial e uma ressurreição gloriosa. Tal como os outros evangelistas, Marcos tem claramente um propósito evangélico. A declaração de propósito do evangelho de João aplica-se a Marcos, bem como: "Estas coisas foram escritas para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus; e para que, crendo, tenhais vida em seu nome (Jo 20.31) e (1Jo. 5.20). Os pecadores são ordenados a se arrepender e crer no Senhor Jesus Cristo (Mc 1.15) abandonando as loucuras da religião hipócrita (Mc 2: 23 -28), (Mc 7. 1-13) e (Mc 12. 38-40), a fim de acompanhar o Senhor em obediência sincera (cf. Mc 1. 17-20; Mc 2.14; Mc 8. 34-38; Mc 10.21; Mc 15.41 e Mc 16. 19-20). (ARTHUR, 2010, p. n.p).

2.4 DATA DA PRIMEIRA PUBLICAÇÃO

Provavelmente foi escrito c. 66–70 DC, durante a perseguição de Nero aos cristãos em Roma na revolta judaica, conforme sugerido por referências internas à guerra na Judéia e à perseguição. O autor usou uma variedade de fontes pré-existentes, como histórias de conflito (Mc 2.1- Mc 3.6), discurso apocalíptico (Mc 13.1–37) e coleções de ditos (GEYER, 2002, p. 13).

2.5 CARACTERÍSTICAS ESSENCIAIS DO EVANGELHO DE MARCOS

O evangelho de Marcos reúne episódios da vida e ministério de Jesus apresentando-os de forma coesa e unificada, tendo a pessoa de Jesus Cristo como o tema central, na figura do multiforme esplendor do Filho de Deus que plenamente humano se revela através da vida, da morte e de sua ressurreição. O evangelho de Marcos é o que mais aproxima-se do relato original da vida de Jesus segundo o escrito Barclay, seu propósito foi dar uma imagem de Jesus tal qual Ele era, já A.B Bruce disse que foi escrito "do ponto de vista da lembrança vívida e carinhosa e que sua grande característica é o "realismo," Marcos jamais esqueceu o aspecto divino de Jesus, ele inicia o evangelho com uma maravilhosa declaração de fé :“Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus” , relata sempre como os homens ficavam atônitos e maravilhados diante do Senhor (Mc 1.22), Todos o admiravam (Mc 1.27), ainda faz questão de mostrar que não era somente as multidões que ficam cheias de assombro, mas o próprio colegiado apostólico a ponto de comentar entre eles : “Quem é este..” (Mc 4.41), “e, entre si, ficaram muito assombrados e maravilhados” (Mc 6.51) "os discípulos se assombraram de suas palavras" (Mc 10.24, 26). Para Marcos, Jesus não era simplesmente um homem entre os homens: era Deus entre os homens, atraindo os homens a maravilhar-se e sentir saudades ao ouvir suas palavras e presenciar suas ações. Uma outra característica importantíssima da narrativa do evangelho de Marcos é apresentar aos seus leitores a imagem humana de Jesus, enquanto Mateus apresenta Jesus como o Filho do Carpinteiro (Mc 13.55) Marcos apresenta o Senhor simplesmente o carpinteiro (Mc 6.3) (BARCLAY, 1983, p. 10 -11)

2.6 MENSAGEM – AUTOBASILEIA

2.6.1 Jesus de Nazaré

Jesus nasceu em uma pequena cidade da Palestina do século I em Belém da Judeia ou provavelmente em Nazaré da Galileia (MEIER, 1992, p. 229), quando reinava Herodes I o Grande (Mt 2:1), rei vassalo do império romano que em 43 a.C. foi reconhecido como rei da Judéia que abrangia a Galiléia , a Peréia e a Samaria, Jesus nasce dentro da religião judaica do século I e segundo as várias correntes da tradição do Novo Testamento, ele foi conhecido em vida como da linhagem de Davi. No antigo Testamento o pai legal é o pai real, mesmo que não tenha gerado o filho

fisicamente, neste caso a linhagem de José é a que determina a de Jesus (MEIER, 1992, p. 217).

Enquanto o evangelho de Mateus apresenta Jesus como o Messias davidico que nele cumpre todas as profecias, Marcos em sua narração apresenta Jesus como o Filho do Homem, como o “Jesus que veio de Nazaré”(Mc 1:9), provavelmente à audiência não judaica, Marcos explica que a pequena Aldeia de Nazaré foi localizada na região da Galileia, uma região muito grande e habitada por gentios (Nazaré era tão obscura que não é sequer mencionada na antiga literatura judaica do primeiro século, (ARTHUR, 2010)

O evangelista Marcos ensina que Jesus nascido na pequena vila de Nazaré é o “Filho do Homem”, mas também apresenta-o como o Cristo, o Messias, o servo sofredor que viria a este mundo não para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate de muitos (Mc 9.31) Cristo o “Filho do Homem” que veio a este mundo trazer o reino de Deus aos corações dos homens.

Aplicado a Cristo “Filho do Homem” designa-se como o participante da natureza e das qualidades humanas, e como sujeito as fraquezas humanas. No entanto e ao mesmo tempo esse título implica sua deidade, porque se uma pessoa enfaticamente declarasse “Sou filho do Homem” a ele dir-se-ia: “Todos sabem disto”. Porém a expressão nos lábios de Jesus significa uma pessoa celestial que se havia identificado definitivamente com a humanidade como seu representante e salvador (PEARLMAN, 1996, p. 108).

2.6.2 Filho de Deus

A concepção básica de Jesus no evangelho de Marcos é a de Filho de Deus. O evangelho começa com essa ênfase: “O começo do evangelho de Jesus Cristo, o Filho de Deus” (Mc 1: 1). Alguns dos manuscritos antigos omitem a expressão "o Filho de Deus". Por esse motivo, alguns questionaram a autenticidade dessa passagem. A evidência textual, no entanto, é forte o suficiente para garantir seu caráter autêntico. O pensamento expresso na frase é o ponto de vista do evangelho. O Cristo de Marcos é o Cristo divino (BETTERSON, 1998, p. 61-77)

O início do evangelho de Jesus Cristo é identificado com a missão de João Batista, particularmente no batismo de Jesus. A experiência batismal é enfatizada primeiro porque enfatiza o tema do Cristo divino. A voz do céu identificou Jesus: "Tu és meu Filho amado, em ti me comprazo" (Mc 1.11). A parte inicial desta

declaração é um reflexo das palavras do Salmo 2, um salmo há muito reconhecido pelo povo judeu por seu significado messiânico. O Messias do segundo Salmo foi o triunfante Filho de Deus. Em seu batismo, Jesus foi identificado com esse Filho triunfante. O Evangelho de Marcos começa com essa ênfase gráfica em sua filiação divina (JEREMIAS, 2004, p. 70).

Essa concepção de filiação divina é sublinhada no capítulo 2. Quando o homem paralítico foi trazido a ele para receber a cura, Jesus disse-lhe: “Filho, teus pecados são perdoados” (Mc 2.5). Os escribas responderam a esse pronunciamento arrazoando em seus corações: “Por que esse homem fala assim? ele blasfema: quem perdoa pecados senão Deus?” (Mc 2. 7). A premissa deles (entre eles alguns mestres da lei) era verdadeira. Porque somente Deus poderia perdoar pecados. No entanto estes mestres da lei, não reconheciam Jesus como Filho de Deus (O Cristo de Deus), eles estavam convencidos de que ele blasfemava. Marcos representa Jesus como percebendo o que havia em seus corações e, em seguida, para justificar seu pronunciamento de perdão, ele curou o homem de sua enfermidade. Pelo perdão do pecado e pela cura da enfermidade física, ele reivindicou a divindade (BROWN, 1994, p. 112).

Em Marcos 3.11, diz que "espíritos imundos" prostravam-se diante dele "e clamavam, dizendo: Tu és o Filho de Deus". O mundo espiritual das trevas que ele viera destruir reconheceu e declarou a sua filiação divina. Em Marcos 5.7, a voz do mundo espiritual das trevas é adicionada ao testemunho de sua divindade. O endemoniado gadareno "correu e o adorou... clamando com grande voz... O que tenho eu a ver contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo?" (Mc 5.6).

A voz do céu foi novamente adicionada ao testemunho na época da transfiguração (Mc.9.7). Jesus havia começado após a confissão em Cesaréia de Filipe, para ensinar seus discípulos que ele deveria sofrer e morrer. Essa ênfase os assustou. Marcos os descreve como seguindo Jesus à distância, confusos e com medo. Em resposta à necessidade deles na hora da confusão, Deus lhes deu através de Pedro, Tiago e João a experiência da transfiguração.

O fato central dessa experiência foi a visão da pessoa transfigurada. No evangelho de Marcos, diz que “ele foi transfigurado diante deles; e suas vestes ficaram

cintilantes, excedendo o branco, para que ninguém mais na terra pudesse embranquecê-las" (Mc 9.2). O que aconteceu é explicado em certa medida pela voz divina que interpreta a experiência. "Este é o meu Filho amado: ouvi-o" (Mc 9. 7). Essa ênfase em sua filiação divina deve ser entendida como a ênfase de Jesus na parábola dos lavradores (Mc 12.1-12). Jesus percebeu durante sua última semana que poderia haver apenas um fim em sua oferta de si mesmo ao seu povo - rejeição e morte. Para enfatizar isso, ele contou a história de um senhor que plantou e preparou uma vinha e depois a alugou para os lavradores

Mais tarde, ele enviou um criado para cobrar o aluguel. Os lavradores maus espancaram um criado e o mandaram embora vazio, ferido e vergonhosamente tratado no seguinte, mataram o próximo e depois outros. Finalmente, o senhor "ainda teve um filho amado; ele finalmente o enviou a eles, dizendo: Eles receberão meu filho" (Mc 12. 6).

A intenção desta parábola é claramente indicada na interpretação de Jesus e pela reação dos escribas a ela. Jesus disse: "Não lereis sequer esta escritura: a pedra que os construtores rejeitaram, a mesma foi feita a cabeça da esquina; Isto era do Senhor, e é maravilhoso aos nossos olhos?" (Mc 12.10-12). Os escribas responderam procurando agarrá-lo "porque perceberam que ele falara a parábola contra eles" (Mc, 12.12). Eles entenderam que o senhor da história era Deus. Eles eram os lavradores maus. Jesus se representou como o filho amado. Eles consideraram blasfêmia (LADD, 2004, p. 92).

O testemunho final é acrescentado à sua filiação no Evangelho de Marcos através das palavras do centurião na cruz: "Este homem era verdadeiramente o Filho de Deus" (Mc 15.39). Marcos dá ênfase a declaração do centurião, que pelo testemunho e obra de Cristo no calvário reconhece-o como: "O Filho de Deus". Esse seria um clímax adequado do testemunho de Jesus como o divino Filho de Deus (MARINHO, 1998, p. 28).

Adicionado ao testemunho das declarações acima que afirmam sua filiação divina é o testemunho de seus feitos e milagres. Entende-se que o Jesus de Marcos é o Cristo de todo o poder. O evangelho de Marcos é um evangelho de milagres, nos quais Jesus demonstra seu poder como o divino Filho de Deus. Ele exerce poder

sobre as mentes perturbadas dos homens e sobre o mundo demoníaco. Ele expulsa espíritos imundos (Mc. 1.23).

Ele cura o corpo febril da sogra de Pedro (Mc 1. 29-31). Ele cura todo tipo de doenças e expulsa espíritos imundos (Mc 1.32). Ele limpa os leprosos (Mc 1.40). Ele cura o homem paralítico (Mc 2.1-12). Ele cura um homem com a mão mirrada (Mc 3.1-5). Ele transforma o endemoniado gadareno (Mc 5: 1-20). Jesus ressuscita a filha de Jairo e limpa a mulher a mulher do fluxo de sangue (Mc 5.21- 43). Ele acalma a tempestade no mar da Galileia (Mc 4:35-39). Existem muitos outros milagres. Ele demonstra seu poder sobre o mundo demoníaco, o mundo da natureza e os corpos e as mentes dos homens. Há pouca dúvida de que Marcos pretende, pelos milagres, retratar a filiação divina de Jesus (BULTMANN, 2004, p. 134).

Jesus, como apresentado por Marcos, estava consciente de sua filiação a Deus? Parece que todo o teor do pensamento de Marcos exige que essa pergunta seja respondida afirmativamente. É verdade que ele não aplica o termo Filho de Deus a si mesmo. No entanto, ele aceita quando é aplicado por seres demoníacos. Quando questionado perante o sumo sacerdote, ele responde sem hesitação “eu sou” quando perguntado se ele era o Cristo, o Filho do Deus Bendito. Toda a importância de seus milagres no evangelho de Marcos representa Jesus como se apresentando ao povo como alguém que é divino. A parábola dos lavradores maus indica que Jesus se concebeu como o Filho de Deus, no sentido de que ninguém mais era ou é o Filho de Deus (CHAMPLIN, 1994, p. 121-130).

3 ASPECTOS DO CONTEXTO HISTÓRICO DO EVANGELHO DE MARCOS

Jesus, no evangelho de Marcos, é retratado como mais que um homem. Marcos, ao longo de seu evangelho, apresenta-nos o homem Jesus, mas também relata-nos quais atributos ele possuía que o diferenciava dos outros humanos. Na passagem de Marcos 1: 7, o evangelista cita o que João Batista disse sobre Jesus; “Aquele que é mais poderoso do que eu está vindo atrás de mim; Não sou digno de me abaixar e desatar a tira de suas sandálias. Eu te batizei com água; mas ele vos batizará com o Espírito Santo” (KUGEL, 1986, p. 113).

Nesta passagem, pode-se entender que João declara que ele não estava no mesmo nível de Jesus, dizendo-nos que não era digno de sequer de desamarrar as suas sandálias. Também pode-se ler e entender que Jesus estava trazendo mais do que um aspecto material ao seu povo e gentios, mas estava trazendo o Espírito Santo algo que nenhum outro homem poderia trazer. Uma pergunta que pode surgir é: Marcos concordou com João? Pode-se concluir que Marcos concordou com João porque ele escreveu sobre o assunto e declarou as mesmas palavras para outras pessoas, se ele não concordasse, poderia facilmente não incluir a palavra de João, mas optou por incluí-la em seu Evangelho. Outro motivo pelo qual o que João disse que era importante para Marcos, foi que ele declarou as palavras de João em seu primeiro capítulo, em vez de dizer-nos suas próprias palavras (BRITO, 2003, p. 18).

Marcos também conta-nos o testemunho em que Jesus curou uma mulher. Na passagem de Marcos 5, ele retrata as grandes maravilhas realizadas por Jesus. No versículo 21 e diante, ele informa-nos sobre uma mulher que tem uma hemorragia e como ela veio a Jesus para ser curada. Marcos diz que a intenção da mulher é apenas tocar em Jesus para que possa ser liberta daquele mal. Ninguém sabe sobre as suas intenções, no entanto ela se aproxima de Jesus, toca-lhe nas orlas de seus vestidos e foi totalmente curada. Naquele momento, Jesus sentiu que alguém lhe tocava, e sentiu também a virtude, que dele saía. Ele questiona a multidão sobre quem o havia tocado e os discípulos não compreendem a Jesus, vendo sobre ele uma grande multidão aglomerada. Esta passagem ensina-nos que Jesus tinha poder para curar, algo que muitas pessoas comuns não poderiam fazer, mas também ensina-nos que Jesus tem o poder de sentir alguém que por sua fé alcança a virtude do próprio Deus, a fé alcançou a dádiva de Jesus sem no entanto ver com os seus olhos. Levando

também em conta que as mulheres tocavam sua capa e não sua pessoa, Jesus pôde sentir seu poder sendo tomado (TILLICH, 1987, p. 147).

O evangelista também dá luz à compreensão do sofrimento do Filho do Homem, o servo sofredor, o próprio Jesus vaticinara aos seus discípulos, os momentos de angústia, martírio, morte e ressurreição (Mc 8.31-33); “Então ele começou a ensinar-lhes que o Filho do Homem deveria sofrer grande sofrimento e ser rejeitado pelos anciãos, o sumo sacerdote e os escribas, e ser morto e depois de três dias ressuscitar”. No Evangelho, pode-se entender que Jesus estava disposto a morrer e sentir todos os atributos físicos. Neste capítulo, nota-se que Marcos evoca que Jesus é carne e sangue e que ele pode sentir todos os atributos físicos de seu corpo, mas ainda tem poder dentro dele para suportar toda dor e sofrimento, apenas para que outros possam ser salvos. Nesse mesmo capítulo, pode-se ler e ver que Jesus ordena que seu seguidor negue a si mesmo para obter a salvação (CROSSAN, 1998, p. 521).

No evangelho de Marcos, havia múltiplos ditos e palavras que descreviam Jesus. Entende-se que era um homem por ser carne e sangue, mas também tinha atributos que o diferenciavam dos demais. Jesus tinha poder para curar, mas também tinha o poder de suportar Satanás e outros sofrimentos que ele teve que passar por pessoas que não conhecia (KUGEL, 1986, p. 128).

3.1 CUMPRIMENTO DAS PROFECIAS SOBRE O MESSIAS NO NOVO TESTAMENTO

Não há percepção abrangente das profecias sobre o Messias no evangelho de Marcos, exceto em que, Jesus é designado "Filho de Davi", um termo claramente messiânico. O cego Bartimeu suplica duas vezes por ajuda confessando a Cristo como o Filho de Davi (Mc 10.47). É interessante observar que Jesus não rejeitou esse nome profético e messiânico atribuído a ele. É possível que Jesus, tenha deixado subentendido esse título a si mesmo quando falava com seus opositores (Mc 12.35-37). O Messias poderia ser o filho de Davi e o Senhor de Davi (DENHAM, 1994, p. 218).

Na confissão em Cesárea registrada em (Mc 8.27), os próprios discípulos de Jesus, falando através de Pedro, declararam que ele era o Cristo. "Tu és o Cristo" (Mc, 8.29). Mais uma vez, Jesus parece ter aceito a designação profética. De acordo com o Evangelho de Mateus, ele aceita e recomenda a resposta.

Antes do sumo sacerdote, quando lhe perguntaram: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus Bendito?", Ele respondeu com um simples "eu sou". Esta foi a afirmação do fato de ser o messias, bem como a afirmação de que Ele é filho de Deus (TASKER, 1985, p. 133).

É verdade que Jesus não apresentou suas afirmações como o Messias aos discípulos. Ele esperou que eles vissem algumas coisas por si mesmos. Mas, quando chegou a hora, ele recebeu com satisfação a confissão de si mesmo como o Messias. Talvez não fosse muito forte dizer que ele atraiu a confissão deles assim que chegou a hora (TASKER, 1985, p. 133).

A entrada triunfal de Jesus em Jerusalém (Mc 11.1-11), tem relevância apenas como é vista à luz de seu significado messiânico. Jesus estava finalmente e definitivamente oferecendo-se ao seu povo como seu Messias. No entanto, ele não se ofereceu como um Messias político e militar, mas como alguém que era manso e humilde, cavalgando um jumento. Para se apresentar como o Messias e fazê-lo em seus próprios termos, Jesus adotou como peculiarmente seu o título "Filho do Homem". Essa era a designação favorita de Jesus para si mesmo. Esta não era apenas uma das favoritas, mas uma designação particularmente particular. Ninguém mais nos evangelhos usa isso dele (BAUCKHAM, 1997, p. 12).

Houve uma discussão considerável sobre a origem do termo. Conhecendo o passado judaico de Jesus, espera-se e não se surpreenda ao descobrir que o termo tem origem judaica. O termo é definitivamente do Antigo Testamento. Ezequiel costuma usá-lo como o endereço de Deus direcionado a si mesmo como profeta de Deus. Também é usado no Antigo Testamento como sinônimo de homem (Sl 8 4) (Sl 144.3; Sl 80.17). O termo assume um significado apocalíptico no livro de Daniel, em uma série de visões noturnas, Daniel diz:

Veio com as nuvens do céu um semelhante a um filho do homem, e ele chegou até os dias antigos, e eles o aproximaram diante dele. E foi-lhe dado domínio, e glória, e um reino que todos os povos, nações e línguas deveriam servi-lo: seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e seu reino, que não será destruído. (Dn 7.13).

O termo Filho do Homem aparece também nos livros apócrifos. Seu uso ali indica seu desenvolvimento no pensamento judaico do período intertestamentário. Bauckham chama a atenção para o fato de que a expressão ocorre nas similitudes de Enoque (vs. 35-71) e nas Esdras II (ou IV). Ambos os livros, diz ele, dependem da visão de Daniel, e neles o Filho do Homem deve ser claramente identificado com o Messias (BAUCKHAM, 1997, p. 12).

Essas referências constituem a base judaica imediata do uso do termo por Jesus. Curiosamente, no entanto, o termo Filho do Homem não se tornou e não era uma designação messiânica popularmente usada nos dias de Jesus. Jesus tomou, portanto, um termo que possuía um rico histórico nas Escrituras e na tradição, ainda que pouco utilizado em seus dias, para interpretar seu significado como Messias. O termo empregado por Jesus era um termo para o Messias. O significado do termo como ele o usou deve ser determinado a partir das passagens em que é encontrado. O termo Filho do Homem é usado no Evangelho de Marcos cerca de catorze vezes. Em todos os casos, é usado por Jesus para se referir a si mesmo e ao seu ministério. O termo Filho do Homem, usado por Jesus, é encontrado no contexto de significados diferentes e aparentemente contraditórios. Em algumas passagens, Jesus usa o termo Filho do Homem para afirmar e indicar autoridade e triunfo, e em outros para atribuir a si mesmo humildade e sofrimento (CULLMANN, 2002, p. 67).

Há passagens nas quais o termo Filho do Homem está associado à ideia de autoridade. É usado para se referir à autoridade de Jesus para perdoar o pecado:

"Mas para que ele saiba que o Filho do homem tem autoridade na terra para perdoar pecados" (Mc 2.10). Ele então demonstra essa autoridade curando o homem de sua paralisia. O Filho do Homem é o senhor do sábado (Mc 2.28). Cabe a ele, portanto, usar o sábado como ele deseja para o bem da humanidade.

O termo também é usado por Jesus no contexto de triunfo e glória. Ele pertence ao Filho do Homem que se envergonhara daqueles que o negam, "O Filho do Homem também terá vergonha deles quando vier na glória de seu Pai" (Mc 8.38). O Filho do Homem é, portanto, o árbitro dos destinos dos homens. O Filho do homem está vindo na glória do Pai. Essa ideia da aparência apocalíptica do Filho do Homem em glória e triunfo é pronunciada mais de uma vez por Jesus. O Filho do homem triunfará sobre a morte na ressurreição (Mc 9.9). O Filho do Homem será visto até pelos seus inimigos "assentando-se à direita do poderoso e vindo com as nuvens do céu" (Mc 14.62). O Filho do homem será visto "vindo em nuvens com poder e grande glória" (Mc 13.26).

Mas o termo também é usado por Jesus no contexto de humildade e sofrimento. Pelo menos metade das vezes em que Jesus usa o termo é empregado nesse sentido. Jesus usa o termo "Filho do homem" no evangelho de Marcos para descrever o serviço humilde de sua missão no mundo: "Porque o Filho do homem também não veio para ser servido, mas para servir e dar à sua vida um resgate para muitos." (Mc 10.45) Jesus regularmente usou o termo Filho do Homem para descrever sua traição, (Mc 14.21); também o sofrimento (Mc 9.12); sua morte e ressurreição; (Mc 10.33); e pôr fim a sua glória (Mc 13.26).

Assim, Jesus derramou sobre si essa designação, uma dupla concepção do messias, sofrimento e triunfo. Ele sabia que era um Messias sofredor, mas também sabia que além do sofrimento havia triunfo.

Para entender a ideia do Messias no Evangelho de Marcos, também é necessário observar a concepção de Servo, como parece ser aplicada a Jesus. Há uma tensão definida no evangelho de Marcos da concepção do servo. Para apreciar a ênfase mais plenamente, é preciso observar todo o retrato sinótico dessa concepção. A ideia do Servo aparece nos versículos de abertura do Evangelho de Marcos e está intimamente associada à concepção de que ele é o Filho de Deus. Na sua experiência batismal, a voz do céu declarou: "Tu és o meu Filho amado, em ti me

comprazo" (Mc 1.11). A segunda metade da expressão: "Em ti me comprazo", é um reflexo da linguagem de Isaías: "Eis meu servo, a quem eu defendo; meus escolhidos, em quem minha alma se deleita" (Is 42. 1). Na voz do batismo de Jesus estão reunidas as ideias de que ele é o Messias triunfante do Salmo 2 e o humilde servo de Isaías 40-66. Compare o uso duplo do termo Filho do Homem, no qual as ideias de triunfo e sofrimento são unidas a essa dupla ênfase em seu batismo (CULLMANN, 2002, p. 67).

Como mal pode-se pensar que o próprio evangelista conflita esses dois textos para a ocasião, a presunção é que era instintivo ou tradicional na comunidade pensar em Jesus, o Messias, como ao mesmo tempo o Servo em quem o Senhor tinha prazer (CULLMANN, 2002, p 67).

Jesus diz de si mesmo: "Porque o Filho do homem também não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida como resgate por muitos" (Mc 10.45). Nesse caso, Jesus não, como nunca, se refere a si mesmo como o servo, mas se descreve como desempenhando as funções do servo. Aquele que é chamado para ser o Messias-Filho de Deus vê o caminho marcado para ele pela prática do Servo, e ensina também que somente através da humilhação e auto sacrifício do Servo é que glória do Filho do Homem, para ser alcançado. (STANLEY, 1994, p. 48).

O sofrimento do Filho do Homem se torna peculiarmente identificado com a concepção do Servo. O Filho do Homem deve sofrer, ser rejeitado, ser morto, dar a sua vida como resgate por muitos (Mc 8.31 e Mc 10.45). Tudo isso reflete a missão do Servo. Assim, o Filho do Homem é o Servo Sofredor. Para apreciar totalmente essa ênfase, é preciso ver a ideia ampliada em Mateus e Lucas e, em seguida, observar a concepção adotada e usada pela igreja primitiva, particularmente nos discursos do Livro de Atos. O Evangelho de Jesus de Marcos apresenta Jesus como o Filho de Deus, Messias, Filho do Homem e Servo Sofredor. Essa era a fé dos primeiros cristãos. Eles não inventaram essa concepção de Jesus; eles receberam. Eles descobriram isso em sua comunhão com ele. Foi manifesto a eles na história revelacional. Este retrato no Evangelho de Marcos é o fundamento de uma figura bem arredondada de Cristo nos Evangelhos Sinópticos (HENGEL et al, 1997, p. 17)

4 ASPECTOS CULTURAIS DO EVANGELHO DE MARCOS

A população da Palestina nos dias de Jesus era de aproximadamente 500.000 a 600.000. Cerca de 18.000 desses moradores eram clérigos, padres e levitas. Jerusalém era uma cidade de cerca de 55.000, mas durante grandes festas, poderia aumentar para 180.000. As crianças nos dias de Jesus jogavam jogos semelhantes a amarelinha e valetes. Assobios, chocalhos, animais de brinquedo sobre rodas, aros e piões foram encontrados por arqueólogos. Crianças e adultos mais velhos também encontraram tempo para brincar, principalmente com jogos de tabuleiro. Uma forma de damas era popular na época (KUGEL, 1986, p. 144).

Os comerciantes seriam instantaneamente reconhecidos pelos símbolos que usavam, carpinteiros enfiavam lascas de madeira atrás das orelhas, alfaiates enfiavam, agulhas nas túnicas e tintureiros usavam trapos coloridos. No sábado, esses símbolos foram deixados em casa. O segundo mandamento proibia "imagens esculpidas"; portanto, há poucos retratos judaicos mostrando roupas da época. Também por causa dessa proibição, os judeus produziam pouco em termos de pintura e escultura. A alvenaria e carpintaria do dia parecem utilitárias. Uma exceção notável ao mandamento parece ser a tolerância de bonecas para crianças (BERKHOF, 2004, p. 98).

Nas duas refeições todos os dias, o pão era a comida principal. O café da manhã leve - geralmente pão achatado, azeitonas e queijo (de cabras ou ovelhas) - era levado para o trabalho e comido no meio da manhã. Os jantares eram mais substanciais, consistindo de ensopado de legumes (lentilha), pão (cevada para os pobres, trigo para os ricos), frutas, ovos e / ou queijo. O peixe era comum, mas a carne vermelha era reservada para ocasiões especiais (MARINHO, 1998, p. 28).

Assim, dentro desse contexto, apreender e abraçar o Jesus dos evangelhos é, sem dúvida, uma das aspirações mais elevadas, e, no entanto, esse objetivo se mostra ilusório e enigmático em muitos pontos da jornada. Uma das principais razões para isso é o desafio de compreender adequadamente o que os autores originais dos evangelhos tinham em mente para os leitores originais, ao escreverem os quatro Evangelhos, quase 2000 anos atrás.

Sociedade, valores, prioridades, visões de mundo, cenário, estruturas de autoridade e relacionamentos eram tão diferentes do que são hoje, e existem obstáculos significativos para o leitor moderno se interpor nas escrituras antigas. No mais breve dos quatro evangelhos, que também muitos consideram os mais misteriosos e desconcertantes, Marcos retrata a vida e o ministério de Jesus incorporado à antiga cultura mediterrânea. Para entender bem quem era essa pessoa e o que ele ensinou e fez, é preciso ver o relato de Marcos através dessas lentes culturais do Mediterrâneo antigo. Um aspecto importante do Evangelho de Marcos, que é negligenciado na "cultura de trechos", é o cenário sócio-político distinto de Marcos, que molda profundamente o mundo da história e a resposta do leitor a ele. Ao ouvir a história toda, o autor Bryan cita que:

Durante séculos antes da época de Jesus, o povo de Israel havia definhado sob o domínio de um império estrangeiro após o outro. No entanto, a lembrança do tempo em que Israel era um povo livre ainda estava muito viva entre o povo (BRYAN, 2005, p. 78).

5 A CRUCIFICAÇÃO DE JESUS CRISTO NO EVANGELHO DE MARCOS

A crucificação de Jesus ocorreu na Judéia do século I, provavelmente entre 30 e 33 dC. A crucificação de Jesus é descrita nos quatro evangelhos canônicos, mencionados nas epístolas do Novo Testamento, atestadas por outras fontes antigas, e é estabelecida como um evento histórico confirmado por fontes não-cristãs, embora não haja consenso entre os historiadores sobre os detalhes exatos (JEREMIAS, 2004 p 70).

De acordo com os evangelhos canônicos, Jesus foi preso e julgado pelo Sinédrio, e depois condenado por Pôncio Pilatos a ser açoitado e, finalmente, crucificado pelos romanos. Jesus foi despido, foi-lhe oferecido vinho misturado com mirra ou fel para beber depois de dizer que estava com sede, crucificado entre dois ladrões condenados e, de acordo com o Evangelho de Marcos, morreu seis horas depois. (Mc 15.25,34-37). Durante esse período, os soldados afixaram uma placa no topo da cruz, dizendo "Jesus de Nazaré, rei dos judeus" que, de acordo com o Evangelho de João, foi escrito em três idiomas. (Jo 19.19-20).

Cumprindo as profecias que diziam: "repartiram as suas vestes e lançaram sortes entre si" (Sl 22. 18), o evangelho de João irá descrever que quatro soldados

romanos repartiram as vestes de Jesus em quatro partes (Jo 19.23). O evangelho de João relata-nos que após a morte de Jesus, um soldado perfurou seu lado com uma lança para ter certeza de que ele havia morrido, quando jorrou o sangue e a água (Jo 19.34).

A crucificação de Cristo e a mensagem da cruz jamais será compreendida por aqueles que estão perecendo por tratar-se de loucura para estes, no entanto para os que estão sendo salvos a crucificação de Cristo, assim como a mensagem da cruz são o poder de Deus (1 Cor 1.18) e por esta razão os cristãos pregam a Cristo crucificado que empreende escândalos para os judeus e loucura para os gentios (I Cor 1.23) para o teólogo alemão Hengel a cruz é muito mais que um símbolo religioso em que diz:

Jesus na cruz é muito mais do que um símbolo religioso, digamos da extrema disponibilidade de um homem para sofrer e sacrificar; isto é mais do que apenas um modelo ético que exige discipulado, embora seja tudo isso também. O que temos aqui é a comunicação de Deus sobre ele mesmo, a ação livre através da qual ele estabelece a efetiva base de nossa salvação. No pensamento antigo, entre os estóicos, uma interpretação ética e simbólica da crucificação ainda era possível, mas afirmar que o próprio Deus aceitou a morte na forma de um trabalhador manual judeu crucificado da Galiléia para quebrar o poder da morte e trazer salvação a todos os homens só poderia parecer loucura e loucura para os homens dos tempos antigos. Mesmo agora, a qualquer genuíno a teologia terá que ser medida contra o teste desse escândalo. Quando Paulo fala da 'loucura' da mensagem dos crucificados em Jesus, portanto, ele não está falando em enigmas ou usando um resumo Ele está expressando a dura experiência da pregação da cruz e a ofensa que causou, em particular a experiência de sua pregação entre não-judeus, A razão pela qual em suas cartas ele fala sobre a cruz acima de tudo em um contexto polêmico é que ele deliberadamente quer provocar seus oponentes, que estão tentando olhar abaixo a ofensa causada pela cruz. Assim, de certa forma, a 'palavra de a cruz 'é a ponta de lança de sua mensagem. Isto porque Paulo ainda entende a cruz como o instrumento real e cruel de execução, como instrumento da sangrenta execução de Jesus, é impossível dissociar a pregação da morte expiatória de Jesus, ou do sangue de Jesus da mensagem da cruz (HENGEL, 1977, p. 89 -90)

A narrativa de Marcos sobre a crucificação não é apenas a primeira narrativa existente da crucificação de Jesus, mas uma das primeiras narrativas da morte por crucificação. Naturalmente, existem referências à crucificação em muitos escritores antigos, Cícero, Josefo, Plutarco, mas é raro encontrar uma narrativa da crucificação de um homem, um fato que não é de todo surpreendente, dado o horror, e agora Marcos, o primeiro, tanto quanto se sabe, a escrever um Evangelho, decidiu escrever uma narrativa na qual o sofrimento e a morte de Jesus são colocados em primeiro plano. Num evangelho em que tudo aponta para esse momento decisivo, no qual

muitas previsões de Jesus são concebidas em termos narrativos, a única opção realista de Marcos é fornecer algum tipo de relato narrativo da crucificação. É o momento climático da história, o objetivo da teologia de Cristo de Marcos crucificado. Parar de narrar o evento que está no coração do Evangelho de Marcos claramente não era uma possibilidade (CHAMPLIN et al, 1994, p. 1020 -1023).

Mas como esse autor, o primeiro a construir uma narrativa escrita da crucificação de Jesus, realizaria sua tarefa? Como alguém faz do conhecido instrumento da vergonha suprema a ocasião da mais alta glória? No geral, a própria ideia de qualquer vítima de crucificação ser o tipo de herói que justificaria uma narrativa literária contando a história de sua miséria teria sido impensável, muito menos que essa narrativa seria o clímax da história de Israel (JEREMIAS, 2004, p 70).

Sem dúvida, havia precedentes para o que Marcos estava tentando descrever, o apóstolo Paulo frequentemente aponta para a vergonha, o escândalo, a loucura da cruz e faz dela o coração de seu evangelho, o evento em torno do qual toda a história gira. Mas nas cartas de Paulo, e talvez também em sua pregação, a própria menção à crucificação teria evocado imagens aterrorizantes para a mente antiga. Não há necessidade de uma narrativa da morte de Jesus. A intrigante sugestão de Martin Hengel de que Paulo deve ter apresentado uma narrativa vívida da crucificação de Jesus é menos provável que a explicação alternativa de que o próprio corpo açoitado e perseguido de Paulo foi a ocasião do "retrato público" da crucificação de Cristo antes de Gálatas (Gl 3.1). (HENGEL, 1977, p. 89).

Marcos usa várias estratégias para lidar com esses problemas. Esse, seu maior desafio, é seu convite para produzir uma obra literária crua, mas brilhante. Uma estratégia é mostrar que essa morte, embora violenta, não foi acidental, tendo o próprio Jesus profetizado esses eventos. Três vezes Jesus dirá a seus discípulos o que acontecerá com ele em detalhes, o que é explicitamente cumprido na Narrativa da Paixão. Enquanto todos os outros, os discípulos, os líderes judeus, os romanos, o não o entendem ou zombam dele (apenas as mulheres de Marcos 14-15 parecem entender que não há contradição entre a identidade messiânica de Jesus e seu sofrimento), o próprio Jesus sabe que sua missão é "o caminho" da cruz. É um ponto que não poderia se desenvolver aqui, mas é intrigante que Marcos não apenas faça

com que Jesus prenuencie sua paixão, mas que também a cumpra (TILLICH, 1987, p. 134).

6 ASPECTOS DA RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO

A ressurreição de Jesus, ou anastase, é a crença cristã de que Deus ressuscitou Jesus após sua crucificação como o primeiro dos mortos, iniciando sua vida exaltada como Cristo e Senhor. Na teologia cristã, a morte e ressurreição de Jesus são os eventos mais importantes, um fundamento da fé cristã e comemorada pela Páscoa. Sua ressurreição é a garantia de que todos os mortos cristãos serão ressuscitados na parusia de Cristo. Para a tradição cristã, a ressurreição corporal foi a restauração da vida de um corpo transformado alimentado pelo espírito, conforme descrito por Paulo e os Evangelhos, que levou ao estabelecimento do cristianismo (CULLMANN, 2002, p. 69).

Todos os quatro evangelhos culminam com as aparições de Jesus após sua crucificação, preparando o leitor para sua ressurreição, tendo em vista que a ressurreição de Jesus, não é nenhum apêndice ou epílogo ao evangelho, todavia é uma parte ensinada explícita e implicitamente ao longo do evangelho de Marcos, a ressurreição é tão enfatizada quanto o sofrimento (Mc 8.31) e morte (Mc 9.31), nas predições da paixão, (Mc 10.34), ainda assim a ressurreição é reforçada pelas promessas reveladas pelo próprio Senhor Jesus com o objetivo de trazer paz, consolo e esperança (Mc 9.9); “Mas depois que eu houver ressuscitado irei adiante de vós para a Galileia” (Mc 14.28); Pode-se entender que Marcos informa que a crucificação assim como a ressurreição são semelhantemente históricas. Ele evidencia que o Jesus ressuscitado era o mesmo que havia sido crucificado. Sem a ressurreição a obra redentora de Jesus na cruz teria sido imperfeita, um evangelho sem a ressurreição, não seria o evangelho de Jesus Cristo. (DEWEY, 2014, p. 233-234)

A obra perfeita de Jesus somente seria concluída com sua morte e ressurreição, Marcos enfatiza que a morte de Jesus fora certificada pelos seus amigos e inimigos também, os seus seguidores presumem que a vida dele terminara em derrota, no entanto a cena muda repentinamente com a evidência do sepulcro vazio e o anúncio que Jesus ressuscitou. Pela sua morte Jesus mostra obediência à vontade de Deus, pela sua ressurreição, o Filho do Homem crucificado é vindicado por Deus que aceita sua morte como resgate de muitos (Mc 10.45). Jesus o Filho de Deus ressurreto.

Jesus é o "primogênito dos mortos", *prōtokos*, o primeiro a ser ressuscitado dentre os mortos, adquirindo assim o "status especial do primogênito como filho e herdeiro preeminente". Sua ressurreição também é a garantia de que todos os mortos cristãos serão ressuscitados na *parusia* de Cristo.

Após sua ressurreição, Jesus começa a proclamar "salvação eterna" através dos discípulos (Mc 16.15-16) e, posteriormente, chama os apóstolos à Grande Comissão, (Mt 28.16-20), Jesus decreta que os seus discípulos pregassem o arrependimento e a remissão dos pecados, a todas as nações (Lc 24. 44–49); Para realizar esta obra Jesus lhes enviaria o Espírito Santo "Mas recebereis a virtude do Espírito Santo que há de vir sobre vós "(At 1: 8), "O arrependimento e o perdão dos pecados devem ser proclamados em nome de Jesus a todas as nações, a partir de Jerusalém" (Lc 24. 46–47), Após sua ressurreição Jesus aparece aos onze discípulos e os ensina: "Àqueles a quem perdoardes os pecados lhes são perdoados e àqueles a quem os retiverdes lhes são retidos" (Jo 20.20–23).

O evangelho de Marcos, escrito c. 65–75, é encerrado com a descoberta do túmulo vazio, Maria Madalena, Salomé e Maria, mãe de Tiago, compram aromas para unguir o corpo de Jesus, e no primeiro dia da semana de manhã cedo ao nascer do sol, elas caminham em direção ao sepulcro de Jesus, elas estavam muito preocupadas, em saber como e quem as ajudaria a remover a enorme pedra que selava a entrada do sepulcro de Jesus. Para surpresa destas fiéis cooperadoras de Jesus Cristo, a pedra já havia sido removida, imediatamente sem entender, essas servas de Deus entram no sepulcro e encontram um jovem assentado a direita e com vestes compridas e brancas, essa visão as deixa assustadas, mas o anjo as tranquiliza dizendo: "Não vos assusteis, buscais o Jesus o Nazareno, que foi crucificado, já ressuscitou, não está aqui; eis o lugar onde o puseram" (Mc 16.1– 6). Após anunciar a elas que Jesus ressuscitou o anjo as instrui: "Mas ide dizeis a seus discípulos e a Pedro que ele vai adiante de vós para a Galileia, e ali o vereis, como ele vos disse" (Mc 16. 7) no entanto, Maria não faz isso (Mc 16.8). Não há aparições, mas o autor parece saber das aparências reivindicadas por Pedro e os Doze. (CULLMANN, 2002, p. 71).

O final mais longo, Marcos 16: 9–20, escrito c. Século II e semelhante a Lucas e João, diz que Jesus apareceu primeiro a Maria Madalena, depois a dois seguidores

que andavam fora de Jerusalém e depois aos onze apóstolos restantes, encarregando-os de espalhar "as boas novas": "Quem crer e for batizado será salvo; mas aquele quem não acredita será condenado ". (Mc 16.16).

7 A IMPORTÂNCIA DA CRISTOLOGIA DO EVANGELHO DE MARCOS NA EVANGELIZAÇÃO PARA A IGREJA DO SÉCULO XXI

O evangelho de Jesus Cristo segundo Marcos é encerrado com a seguinte frase: “E eles tendo partido pregaram por todas as partes, cooperando com eles o Senhor e confirmando a palavra com os sinais que se seguiram. Amém!” (Mc 16.20), Os discípulos partiram porque conheceram o princípio do evangelho de Jesus Cristo o Filho de Deus, (Mc 1.1), O que revela o princípio do evangelho de Jesus Cristo? O escritor Arthur responde esta pergunta: “O princípio do evangelho de Jesus Cristo, o Filho de Deus [que] tornou inoperante a morte e trouxe à luz a vida e a imortalidade por meio do evangelho” (ARTHUR, 2014, p. 36)

O evangelho de Cristo ainda é o poder de Deus para salvação, libertação e regeneração de todo aquele que crê, a carta escrita aos Romanos revela o poder do evangelho de Cristo: “Conseqüentemente, a fé vem por ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo”, (Rm 10.17), Moisés aconselhou o povo a ouvir as palavras do Cristo (At 3.22) os discípulos partiram pregando a palavra por todas as partes porque conheceram o Cristo, o Filho de Deus que é revelado ao homem pela sua humanidade, nasceu de uma mãe humana, (Gl 4.4) cresceu, (Lc 2.40) experimentou a fome (Mc 2.15), a angústia o medo (Mc 14.33), a solidão e o desamparo (Mc 15.34), O Cristo Filho de Deus, aquele que fora coroado de glória e de honra, aquele Jesus que fora feito pouco menor que os anjos, por causa da paixão da morte, para que pela graça de Deus, provasse a morte por todos, Cristo é o príncipe da salvação do homens (Hb 2.9 -10), ele foi humilhado padeceu e morreu, no entanto a expressão que marcou a vida daqueles que o seguiram fora esta: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós vimos a sua glória , como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (Jo 1.14).

Dentro do conceito da natureza humana, Cristo era um ser humano declarado no entanto que jamais conhecera o pecado, o escritor aos Hebreus fala com muita propriedade sobre a impecabilidade de Cristo quando escreve: “Por que não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém, um que, como nós em tudo foi tentado, mas sem pecado” (Hb 4.15). Paulo o apóstolo da Igreja contemporânea enaltece o Cristo que cumpre toda a justiça de Deus: “Aquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça

de Deus (2 Cor 5.21). O Apóstolo Pedro esteve durante todo o ministério terreno de Jesus e que ainda que recebera do próprio Cristo a responsabilidade de apascentar as suas ovelhas escreve em sua epístola: “O qual não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano” (1 Pe 1.22).

A Cristologia no evangelho de Marcos conduz a igreja a muitos ensinamentos, que inclusive alguns tem sido tratados ao longo desta obra como a humanidade de Cristo, a impecabilidade, a exaltação, a encarnação, a divindade e sua supremacia sobre o mundo natural e espiritual pelo seu poder e glória, na verdade Cristo revelou-se à humanidade no evangelho de Marcos como verdadeiro Deus e verdadeiro Homem (MCGRATH, 2013, p. 402-409). No entanto o que impulsionou os cristãos do primeiro século, a tornar-se testemunhas de Jesus Cristo pregando o evangelho na conturbada Jerusalém, dirigindo-se Judéia, Samaria e por fim até os confins da terra? (At 1.8). Alguns poderão responder com plena e absoluta perfeição que fora o poder do Espírito Santo que os impulsionou a realizar esta obra tão maravilhosa, no entanto, além do agir do Espírito de Deus os cristãos do primeiro século puderam observar a atitude do servo Jesus Cristo, eles obedeceram a grande comissão porque compreenderam o nobre significado de torna-se servo de Cristo, o evangelista Marcos reproduz o vanglorioso pedido de Tiago e João filhos de Zebedeu, que desejavam na glória de Jesus estar assentado a sua direita e a sua esquerda, no entanto Cristo ministra aos corações deles a lição da servidão. “Não será assim entre vocês, pelo contrário, quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo e quem quiser ser o primeiro será escravo de todos” (Mc 10.43 - 44). O próprio Cristo antes de servir ao filho de Timeu que era cego e pedia esmolas a beira do caminho diz aos seus discípulos: “Pois nem mesmo o Filho do Homem veio para ser servido, mas sim para servir e dar sua vida em resgate de muitos” (Mc 10.45). Pedro que aprendeu com a humildade e a servidão de Cristo escreve: “Ele mesmo levou em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, a fim de que morrêssemos para os pecados e vivêssemos para a justiça; por suas feridas vocês foram curados” (1Pe 2.24).

Certamente os discípulos de Cristo partiram e pregaram a mensagem do evangelho aos povos e nações porque creram em Cristo como o Filho de Deus e salvador do mundo, os cristão amaram a Cristo e escolheram servi-lo de todo coração, o serviço cristão ainda é a alma de excelência do cristianismo, agora consegue-se

entender, porque Cristo cooperava com eles confirmando a palavra com sinais e maravilhas (Mc 16.20). Em tempos tão angustiantes, em pleno século XXI a igreja do Senhor necessita urgentemente de verdadeiros cristãos servos de Jesus que conheçam a Cristo, e vivam sua teologia e com ele estejam crucificados segundo o ensino de Paulo: “Já estou crucificado com Cristo, e vivo, não mais eu. Mas Cristo vive em mim, e a vida que agora vivo na carne, vivo-a pela fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim.” (Gl 2.20). A igreja somente vencerá os desafios da evangelização mundial neste século XXI, quando os cristãos abandonarem o materialismo, o existencialismo, os ensinamentos da teologia Liberal e retornarem para o evangelho de Jesus Cristo o Filho de Deus, Cairns considera esta perspectiva de reavivamento para a Igreja do século XXI:

A igreja sempre enfrentou problemas, mas o escopo e a intensidade destes problemas na atualidade parecem maiores do que em qualquer outra época da história. Com o grande aumento da população mundial com as conversões as religiões ou seitas hostis, ressurgentes e não cristãs e com o comunismo sendo uma ameaça em alguns países. O cristianismo enfrenta grandes desafios, Entretanto os que são pessimistas diante destes problemas devem lembrar-se que os reavivamento tem tornado a Igreja mais capaz de resolver as dificuldades (CAIRNS, 2008, p. 573)

Possivelmente a igreja contemporânea tenha que experimentar um reavivamento um despertar global, haja vista que o mundo passa por um período de declínio moral, com o aumento da imoralidade sexual, o aumento exponencial do consumo de drogas, altos índices de divórcios entre casais, a união estável de casais do mesmo sexo (que a cada dia exigem direitos e recursos especiais), o suicídio que a cada ano tem índices alarmantes entre ricos, pobres jovens e adolescentes, inclusive atingindo líderes religiosos, as doenças psicossomáticas emergentes como a depressão, “O mal deste século !” , o aumento da criminalidade e violência, o avanço da tecnologia a serviço do mal, disseminação da promiscuidade e devassidão entre crianças e adolescentes por meio de comunicação televisiva e principalmente, jogos e mídias sociais, o sincretismo religioso que avassala o mundo contemporâneo, os evangelhos da leviandade (que granjeiam bens materiais, enquanto distanciam as pessoas da cruz de Cristo) a corrupção (arraigada em todos setores da sociedade) a agitação do humanismo secular; pós-modernismo; a marcha implacável de outras religiões, especialmente o Islamismo; o holocausto do vírus HIV/AIDs e as ameaças nucleares no Oriente e Extremo Oriente; (CAIRNS, 2008, p. 573 - 576).

Embora os obstáculos e desafios da evangelização da sociedade pós moderna sejam proeminentes, no entanto a revelação de que o Cristo, Filho do Deus vivo, está com a Igreja simplesmente reitera a importância do conhecimento da Cristologia no evangelho de Marcos, quando o cristão posicionar-se como servo, vivendo integralmente o evangelho de Jesus Cristo, Ele, o Cristo irá cooperar com os crentes na evangelização e irá confirmar a sua palavra com a salvação de almas, a libertação dos oprimidos, a operação de milagres e maravilhas, para tanto o cristão, assim como Pedro, deve confessar que o Cristo é o Filho do Deus vivo.

E Simão Pedro, respondendo, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. E Jesus, respondendo, disse-lhe: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque tu não revelaste a carne e o sangue, mas meu Pai, que está nos céus. Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela; (Mt 16.16-18).

A evangelização é o elemento essencial no cristianismo. Cristo deseja que sua igreja se expanda continuamente. Ele espera que ela cresça quantitativa e qualitativamente, de uma era para outra, através dos esforços de seus discípulos. A maior ferramenta que ele forneceu para isso é a evangelização. A evangelização é reconhecida como o principal mecanismo reprodutivo da igreja. Hunter ¹expressa essa visão quando define a evangelização como o processo reprodutivo pelo qual o cristianismo se expande e preenche a terra (HUNTER, 1989 p. 72). Nas palavras de Stott².“Para que a igreja se expanda, ela deve assumir como principal responsabilidade a principal tarefa de levar o Evangelho ao mundo inteiro e fazer discípulos de todas as nações” (STOTT, 1975 p. 31). O consenso na cristandade é que a evangelização é a tarefa urgente e suprema da igreja, Meeks diz que: “É responsabilidade de toda a igreja, e todo indivíduo é obrigado a se envolver pessoalmente nela” (MEEKS , 1985, p. 138).

Encontra-se o fundamento da evangelização cristã na primeira epístola do apóstolo Pedro (1Pe 2.9), Pedro escreve a carta antes do início da perseguição em Roma, perseguição esta orquestrada pelo Imperador Nero, que enlouquecido pela

¹ HUNTER, K. R. (1989). **Foundations for Church Growth**, New Haven: Leader Publishing Company, p. 72.

² Stott, J. (1975). **Christian Mission in the Modern World**, London: Falcon Publishers, p. 31.

fúria das chamas na grande cidade do império romano, ele encontra o bode expiatório para tal crime – os cristãos, Pedro o nobre pastor tinha em seu coração o desejo de ajudar os cristãos, encorajando-os no momentos de provações, perseguições que estariam por vir, sofrimento tão terrível em Roma que levaria muitos destes para o céu, enquanto os cristãos temem por sua própria vida, Pedro faz questão de lembrá-los da sua herança nos céus, valiosa fé e da grande salvação em Cristo Jesus (1Pe 1-12), face as lutas e perseguições que estariam por vir, qualquer pessoa esperaria palavras de animosidade e consolo e até mesmo palavras de auto ajuda, entretanto a tônica da carta de Pedro a estes cristãos era que eles foram salvos para proclamar o evangelho de Cristo, como seus representantes neste mundo (ARTHUR, 2012, p. 202 - 204)

Vos sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz; (1Pe 2.9).

Pedro assim como seu “filho”, Marcos (1Pe 5.13) ensina-nos a importância do Cristo e sua teologia na propagação das boas novas, haja vista que quando promove-se o evangelho está anunciando o próprio Cristo, envolvendo as pessoas naquilo que Deus fez pela humanidade por intermédio de Cristo Jesus, A evangelização convida as pessoas para um novo relacionamento com o Deus vivo encarnado em Jesus Cristo, pois o cristão salvo em Cristo, sua vida, e testemunho devem existir para glorificar a Deus.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como tema a Cristologia no Evangelho de Marcos, perceptivas bíblica, histórica, cultural e evangelística para a igreja evangélica contemporânea. O método adotado na formulação deste trabalho, encontra-se em concordância com a proposta de estudo, a qual realiza-se adequada por meio dos objetivos a serem alcançados. O desenvolvimento da ciência tem como base o alcance de resultados que permite validar hipóteses sobre determinado acontecimento ou fato, presente em nossas vidas, ou não.

Por meio deste trabalho, foi possível entender e compreender a visão do evangelista Marcos sobre a pessoa de Jesus e a sua obra, também foi possível interpretar como o autor descreve a vida de Cristo, fatos de sua história e a teologia do evangelho de Jesus segundo Marcos que evidencia o Cristo como verdadeiro homem, ao mesmo tempo, verdadeiro Deus. A visão revelada no livro de Marcos sobre a pessoa de Cristo, busca culminar em um propósito comum, apresentá-lo como um Deus inteiramente pessoal que ama o homem, e espera que este converta –se dos seus maus caminhos, vindo a salvação e chegando ao pleno conhecimento da verdade (1Tm 2.4-5). Esta concepção leva a concluir que para igreja contemporânea, conhecer a Cristo, não é o suficiente, é imprescindível ao cristão tornar-se verdadeiramente servo, seguindo os passos de Jesus Cristo, anunciando o evangelho da cruz, principalmente à sociedade pós-moderna que vive tão distante de Deus avançando cada dia a passos largos para a ruína moral, ética e espiritual.

Assim, conclui-se que Cristo é a única saída para os problemas da humanidade, e que o evangelho é a esperança para todos. Como o apóstolo Paulo descreve, Cristo em nós é a esperança da glória. (Cl 1:27), sobre esta esperança que os cristãos devem proclamar o evangelho a este mundo corrompido, apresentando a Jesus, como salvador e redentor da humanidade.

Por fim, o presente trabalho deixa o tema em aberto, propondo que no futuro se realize uma nova pesquisa, com a finalidade de contextualizar os temas aqui abordados. Juntamente com esta nova pesquisa, sugere-se a realização de um estudo de caso, para o qual propõe-se uma pesquisa prática de como as pessoas veem a pessoa de Cristo.

REFERÊNCIAS

- ARTHUR, J. M. **Comentário do Novo Testamento**. [S.l.]: [s.n.], 2010.
- ARTHUR, J. **Uma Vida Perfeita**. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson – Brasil.,2014. 574 p.
- ARTHUR, J. **Evangelismo Como compartilhar o evangelho com Fidelidade** 1. ed. São Paulo: Fiel - Brasil, 2012. 352 p.
- BARCLAY, W. **Marcos**. Buenos Aires: La Aurora, 1983. 360 p.
- BARRETO et MATEOS, Juan, Juan. Tradução Alberto Costa. **Vocabulário Teológico do Evangelho de São João**. Edições Paulinas, São Paulo 1989. 294 p.
- BAUCKHAM, Richard (ed.), **The Gospels for all Christians: Rethinking the Gospel Audiences** (Grand Rapids: Eerdmans / Edinburgh: T. & T. Clark, 1997. 277 p.
- BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. 720 p.
- BETTENSON, H. **Documentos da igreja cristã**. São Paulo: Aste e Simpósio, 1998. 452 p.
- BÍBLIA, português. **Bíblia Shedd. 2. ed. Trad. João Ferreira de Almeida**. rev. e atual. Compilada e redigida por Russel Shedd. São Paulo: Vida Nova e Sociedade Bíblica do Brasil, 1998. 2200 p.
- BÍBLIA SAGRADA. **Bíblia de estudo pentecostal**. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. Rio de Janeiro – RJ: CPAD, 2000. 2030 p.
- BRITO, Robson J. **Anotações Particulares**, Maringá, 2003.30 p.
- BROWN, Raymond E., **The Death of the Messiah: From Gethsemane to the Grave: A Commentary on the Passion Narratives in the Four Gospels** (2 vols.; Anchor Bible Reference Library; New York: Doubleday, 1994. 752 p.
- BRYAN, Christopher. **Prestar a César: Jesus, a Igreja Primitiva e a Superpotência Romana**. Publicado na Oxford Scholarship Online: julho de 2005.

BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Teológica, 2004. 925 p.

CAIRNS, Earle. **O cristianismo através dos séculos**. São Paulo: Vida Nova, 2006. 672 p.

CHAMPLIN et BENTES, Russel, José Carlos. **Enciclopédia de Bíblia e de Teologia**. Editora Candeia, 1ª Ed., São Paulo 1994. 652 p.

CROSSAN, John Dominic. **The Birth of Christianity**: Discovering What Happened in the Years Immediately After the Execution of Jesus (Edinburgh: T & T Clark, 1998). 752 p.

CULLMANN, Oscar. **Cristologia do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Custom, 2002. 423 p.

D. A CARSON, D. J. M. E. L. M. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997. 560 p.

DENHAM, James Richard [Ed]. **Concordância fiel do Novo Testamento**. São José dos Campos: Fiel, 1994.

DEWEY, M. **Marcos Introdução e Comentário**. 1ª. ed. São Paulo: Vida Nova, 2014. 242 p.

EUSÉBIO de Cesaréia. História eclesiástica. Tradução das monjas beneditinas do mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000. (Coleção Patrística, vol. 15). 520 p.

FRESTON, Paul (2004). **Evangelicals and Politics in Asia, Africa and Latin America**. Cambridge University Press. 322 p.

GEYER, Douglas W., Fear, **Anomaly and Uncertainty in the Gospel of Mark** (ATLA Monograph Series, 47; Lanham, Maryland; London: Scarecrow, 2002) 336 p.

HENGEL, Martin. SCHWEMER, Anna Maria. **Paul Between Damascus and Antioch: The Unknown Years** (ET, London: SCM 1997). 544 p.

HENGEL, M. **Crucifixion In the ancient world and the folly of.** Philadelphia: Fortress Press, 1977. 99 p.

HENDRIKSEN, W. **Comentário do Novo Testamento Marcos.** São Paulo: Cultura Cristã, 2003. 880 p.

JEREMIAS, Joaquim. **Teologia do Novo Testamento.** São Paulo: Paulus, 2008. 504 p.

KUGEL, James L., —**Topics in the History of the Spirituality of the Psalmsll in Jewish Spirituality from the Bible Through the Middle Ages** (New York: Crossroad, 1986) 282 p.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento.** São Paulo: Hagnos, 2004. 904 p.

MARINHO, Expedito Nogueira. **Cristologia** - Apostila - SETAD - Seminário Teológico da Assembleia de Deus - São Paulo, 1998. 125 p.

MCGRATH, A. E. **Teologia sistemática, histórica e filosófica -Uma introdução a Teologia Cristã.** São Paulo: Sheed Publicações, 2013. 664 p.

MCDOWELL, Josh. **Ele Andou Entre Nós.** São Paulo: Editora e Distribuidora Candeia, 1995. 374 p.

MEIER, J. P. **Um Judeu marginal: repensando o Jesus histórico.** 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, v. 1. 296 p.

MEEKS, M. D. (1985). **The Future of the Methodist Theological Tradition,** Nashville: Abingdon. 224 p.

PADRES Apostólicos: Clemente de Roma, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, o Pastor de Hermas, Carta de Barnabé, Pápias de Hierápolis, Didaqué. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2002. (Coleção Patrística, vol. 1). 325 p.

PEARLMAN, M. **Conhecendo as Doutrinas Bíblicas.** São Paulo: VIDA, 1996. 409 p.

ROBERTSON, A. T. **Imágenes Verbales en el Nuevo Testamento**, 6 vols. Madrid, Espana: Libros Clie, 1999. 416 p.

STANLEY J. Grenz. **Theology for the Community of God**. Grand Rapids, MI: Erdmans Publishing Company, 1994. 773 p.

STOTT, J. (1975). **Christian Mission in the Modern World**, London: Falcon Publishers. 240 p.

STRONG, Augustus H.. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2003. 880 p.

TASKER, R. V. G.M. - **Introdução e Comentário**. Editora Mundo Cristão, 1ª Ed., São Paulo, 1980, Reimpressão 1985. 229 p.

TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. Tradução: Getúlio Bertelli. Editora Sinodal e Edições Paulinas, 2ª Ed., São Leopoldo - RS e São Paulo - SP, 1987. 868 p.